

2017/08/28

EUA. Podem sair do Afeganistão?

Alexandre Reis Rodrigues

O Presidente Trump anunciou uma estratégia para o Afeganistão que diz ser “dramaticamente diferente” da que estava adotada. Receio que os que acreditarem vão ficar desapontados. Tudo parece indicar que, ao contrário do que declara, será uma estratégia – diria eu – “dramaticamente” repetitiva. Em quase todos os campos: na avaliação da situação operacional no terreno, na definição da linha de orientação principal e na solução de curto prazo. Senão vejamos.¹



1. Sobre a situação no terreno, o atual secretário da Defesa, o general Mattis, foi muito claro no Congresso quando alertou que os EUA não estavam a vencer. Não é, no entanto, uma situação nova. Há nove anos atrás, princípios de 2008, o general James Jones seu camarada de armas dos Fuzileiros, enquanto SACEUR dizia o seguinte:

“Make no mistake: NATO is not willing in the Afghanistan».

2. Sobre a orientação geral a seguir, o Presidente Trump diz que a presença militar no Afeganistão destina-se apenas a combater o terrorismo, demarcando-se de qualquer atividade no campo da missão de “*national building*”, em que, aliás, a NATO tem estado envolvida no âmbito da ISAF (*International Security Assistance Force*), estabelecida por Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas em 2001.²

«We are not nation-building again. We are killing terrorists».

Em 2010, Joe Biden, então vice-presidente dos EUA, declarava o seguinte:

«We are in Afghanistan for one express purpose: al Qaeda. We are not there to nation-building».

3. Sobre a orientação de curto prazo, o Presidente Obama em 2008, como senador candidato à presidência dos EUA, embora concordante com intervenção iniciada pelo seu antecessor, anunciava não querer ir além de concluir a tarefa (*finish the job*). Em 2009, já na Casa Branca, autorizava, um reforço de 34.000 efetivos (total a que os aliados acrescentaram 7.000 efetivos), supostamente para criar as condições necessárias para “sair da guerra”, tendo marcado o prazo de 18 meses para iniciar a retirada. Percebeu-se, finalmente, que “*finish the job*” significava acelerar a transferência de responsabilidades pela segurança para o governo afegão. Como este

¹ Quase tudo que me pareceu oportuno referir entre 2009 e 2011 sobre o Afeganistão continua pertinente hoje. Ver, por exemplo, os seguintes dois artigos neste mesmo site: 1. De 11 de agosto de 2010 com o título “O que será vencer no Afeganistão?”; 2. De 7 de julho de 2011 com o título “A retirada Americana do Afeganistão”.

² Já teve uma natureza típica de ajuda à reconstrução nacional através dos “*Provincial Reconstruction Teams*”. Presentemente, apoia o Governo afegão

objetivo não foi minimamente alcançado, a retirada nunca foi totalmente consumada. A presença mantém, presentemente a um nível de 10.000 efetivos militares mais cerca de 26.000 contratados a companhias privadas de segurança.

Trump, também crítico da continuação da intervenção e, aparentemente, muito firme na intenção de lhe pôr fim, já anunciou que vai autorizar um aumento de efetivos. Só difere de Obama ao não revelar o aumento de efetivos – mas já se fala em cerca de 3.900 efetivos³ - e ao não estabelecer quaisquer datas. Ao contrário do seu antecessor, aceitou as recomendações militares que sempre discordaram da ideia de uma data, em vez de definir um “*end state*”.

Não é claro, no entanto, que Trump tenha estabelecido algum objetivo final ou esclarecido que condições se deve procurar estabelecer. Presume-se que não e compreende-se porque nem sequer parece possível definir uma estratégia, no sentido tradicional do termo, identificando meios, objetivos e o caminho a percorrer. Na minha interpretação, porque a situação no Afeganistão não tem solução. Nem militar nem política. Pelo menos enquanto os insurgentes tiverem apoio externo, circunstância que não mudará proximamente.⁴ É uma situação para ser gerida de forma flexível, certamente de acordo com alguns objetivos elementares: impedir o continuado agravamento da situação e sobretudo não permitir que o País volte a ser um santuário da al Qaeda.

Trump, da mesma forma que o seu antecessor, vai fazer pressão para que o Governo afegão assuma as suas responsabilidades e acena – como “ameaça” - com a sua indisponibilidade de “passar cheques em branco”. Não se vê, no entanto, como poderão as autoridades em Cabul passar a ter sucesso, se nunca o conseguiram quando tinham um apoio maciço dos EUA e coligação (140.000 efetivos). Neste momento, perderam o controlo de 11% do território e lutam pela manutenção de várias áreas que equivalem a mais 29%.

Trump vai exigir do Paquistão o fim do apoio dado aos talibãs, mas, malgrado os meios de pressão que tem ao seu dispor⁵ estará, como esteve o seu antecessor, muito condicionado. Islamabad, embora não indiferente à ajuda militar e financeira, vai, seguramente, manter uma visão da forma como a guerra deve ser conduzida muito diferente da dos EUA. Vai continuar a colocar na primeira linha de preocupações a ameaça existencial que vê na Índia e usará o relacionamento com os talibãs para estender a sua profundidade estratégica na direção do Afeganistão. Isto é, vai garantir-lhes apoio contra uma postura de oposição a uma presença da Índia que Trump, para estupefação de muitos observadores, quer chamar ao processo. Um jogo, no mínimo, arriscado.

Para o processo de decisão de uma eventual retirada, hoje ninguém ignorará o exemplo do sucedido com a saída prematura do Iraque e não deixará de ter em consideração que, no Afeganistão, o quadro em que essa opção se põe é ainda mais complexo. Sair, neste momento do Afeganistão equivaleria:

1. A perder a única forma útil de evitar que o Afeganistão volte a ser um paraíso da al Qaeda ou qualquer outra organização terrorista capaz de atacar os EUA e seus

³ Tem sido referido que o Presidente esteve sob forte pressão para autorizar um reforço feito à custa de mais contratados a companhias privadas. O principal defensor dessa ideia era Steve Bannon, mas prevaleceu a posição do conselheiro nacional de Segurança e do Pentágono que eram contra.

⁴ Sempre se soube que é assim. Para quem eventualmente não soubesse, a Rand em 2010 elaborou um estudo que analisou 30 campanhas de contrainsurreição e concluiu que nenhuma teve sucesso precisamente devido ao Apoio que os insurgentes tinham em países vizinhos.

⁵ Por exemplo, cortes na ajuda financeira. Foi suspensa, recentemente, uma entrega de 350 milhões de dólares, mas o Paquistão, desde o 11 de setembro, já recebeu 33 mil milhões de USD.

aliados. Não poderá haver retirada, enquanto o Governo afegão não tiver condições de assegurar esse objetivo; 2. A deixar de ter as atuais facilidades de algum controlo e monitorização dos grupos terroristas que operam e se abrigam no Paquistão, frequentemente com a conivência das respetivas autoridades; 3. A abandonar a possibilidade de acompanhar com alguma proximidade a forma como Islamabad garante a segurança das suas instalações nucleares e consegue manter os grupos terroristas à distância; 4. A perder contacto prático com uma região que se mantém sob o perigo de um conflito entre duas potências nucleares (Paquistão e Índia).

Tudo considerado e independentemente da ideia de saída do teatro afegão que o atual Presidente dos EUA e o seu antecessor tenham querido fazer passar por motivos políticos, não se espera proximamente qualquer retirada militar dos EUA no Afeganistão.

Resta, porém, perceber se a atual postura americana inclui algum aspeto com potencial implicação sobre o papel da NATO no âmbito da ISAF. É possível que tenha, mas para já o que conta é o facto de o secretário-geral da NATO se ter apressado a saudar, quase de imediato, a decisão da administração americana. Veremos se, finalmente, se leva a coordenação de forma mais cautelosa.